

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT11.008

PERSPECTIVAS DE PROFESSORAS SOBRE A ATUAÇÃO DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO ESCOLAR

José Tadeu Acuna¹Cássia Alves Nenê²

RESUMO

Segundo o Conselho Federal de Psicologia, a Psicologia Escolar/Educacional se debruça sobre o processo de ensino e aprendizagem e fenômenos relacionados a ele. Ela contribui à medida que possibilita maior profundidade de entendimento sobre o comportamento humano, das funções cognitivas e os relacionamentos interpessoais, fatores essenciais para lidar com a diversidade no contexto escolar. Todavia, nem sempre existiu essa compreensão de *fazer psi* nas instituições de ensino, especialmente quando se examinam as representações sociais de um público que não é da área da psicologia. Dessa forma, o presente estudo busca analisar as perspectivas de professores sobre a atuação da Psicologia na educação. Para isso, delineou-se uma pesquisa qualitativa, realizada em uma escola municipal do interior de São Paulo com 10 professoras do ensino fundamental. A metodologia adotada envolveu a análise qualitativa de conteúdo, permitindo estudar os significados dos relatos fornecidos pelos(as) participantes. Os resultados indicaram que as percepções das docentes sobre a atuação da psicologia estão baseadas

-
- 1 Doutor em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem. Professor do curso de Psicologia da Faculdade de Educação São Luís (Jaboticabal), São Paulo. Profpsitadeuacuna@gmail.com;
 - 2 Graduanda pelo Curso de Psicologia da Faculdade de Educação São Luís (Jaboticabal) - São Paulo. alvesnenec@gmail.com;

em uma visão clínica e na ideia de adaptação comportamental dos alunos. Não foi expressivo o conteúdo sobre promoção da inclusão escolar no quesito transformação para um contexto acolhedor da diversidade. Os respondentes sinalizaram que raramente receberam apoio de profissionais de psicologia, excetuando casos em que seus alunos estivessem matriculados em escolas de atendimento educacional especializado. Discutiui-se que, embora a psicologia desempenhe papel importante no planejamento e execução do fazer pedagógico, a realidade mostra que a psicologia ainda não está adentrando as escolas e, quando isso acontece, os(as) profissionais são convocados(as) para atuar em uma perspectiva clínica e de adaptação do comportamento estudantil considerado como problemático, sinalizando uma representação limitada do próprio fazer psicológico. Conclui-se que é preciso divulgar e clarificar as múltiplas possibilidades do fazer *psi* nas escolas e romper com um modelo de práticas individualizantes.

Palavras-chave: Psicologia Escolar/Educacional, Educação Básica, Prática Pedagógica, Inclusão.

INTRODUÇÃO

Segundo o Conselho Federal de Psicologia, a Psicologia Escolar/Educacional se debruça sobre o processo de ensino e aprendizagem e os fenômenos relacionados a ele. Ela contribui para possibilitar maior profundidade de entendimento sobre o comportamento humano, as funções cognitivas e os relacionamentos interpessoais – fatores essenciais para lidar com a diversidade no contexto escolar (CFP, 2009).

Pode-se entendê-la como um campo de atuação e estudo voltado para os processos educacionais, com objetivo de compreender e transformar as práticas que acontecem nas instituições de ensino (CFP, 2009). Barbosa e Marinho-Araújo (2010) apontam que, até a década de 1980, a Psicologia Escolar se orientava por práticas normalizadoras, entendidas como o conjunto de intervenções destinadas a ajustar o comportamento e o emocional dos estudantes aos padrões hegemônicos de “normalidade” socialmente definidos. Nessa concepção, o aluno era visto como objeto a ser moldado segundo normas de obediência e conformidade, negligenciando suas singularidades culturais e históricas e reforçando-se a ideia de que o sucesso ou fracasso escolar dependiam exclusivamente de atributos individuais

Para legitimar tais procedimentos, recorria-se massivamente à psicometria: testes de inteligência, de aptidões e de personalidade forneciam os critérios “científicos” para classificar crianças como “normais” ou “anormais”, servindo de base para práticas segregatórias e encaminhamentos especiais. Ao conferir status de neutralidade técnica a estratégias discriminatórias, a mensuração psicométrica institucionalizou o preconceito no interior da escola, validando a exclusão curricular de quem não se enquadra no perfil dominante.

A partir do final 1980, especialmente nos anos 1990, surgem no Brasil propostas teóricas e metodológicas que reorientam a atuação do psicólogo escolar. Conforme Firbida e Vasconcelos (2018), esse período marcou o fortalecimento de uma Psicologia Escolar crítica, voltada à mediação,

escuta e promoção da equidade das oportunidades de aprendizagem. Os autores destacam que essa mudança representa um rompimento com o paradigma individualizante, permitindo à Psicologia Escolar afirmar-se como prática social comprometida com a transformação das relações institucionais e a construção de uma escola democrática. Felizmente, a Psicologia Escolar foi atualizada e ganhou caráter crítico devido a reflexão ética sobre seu papel na construção de uma sociedade justa e democrática (PATTO, 1990; MARTINEZ, 2009; ACUNA, 2022).

Com os avanços conquistados ao longo de sua trajetória, a Psicologia Escolar passou a exercer um papel central na humanização das práticas educativas, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo. Um de seus principais contributos é o enfrentamento das práticas excludentes que historicamente marcaram a instituição escolar, como a culpabilização do aluno pelo fracasso, a medicalização da aprendizagem e a naturalização das desigualdades sociais (PATTO, 1990). Assim, o psicólogo escolar atua promovendo a inclusão, reconhecendo e valorizando as diversidades presentes no cotidiano da escola, além de contribuir com estratégias pedagógicas mais sensíveis às diferenças, respeitando os contextos dos sujeitos e favorecendo o acesso, a permanência e o sucesso escolar.

Outrossim, a Psicologia Escolar atua com foco na compreensão dos fenômenos escolares, como dificuldades de aprendizagem, desmotivação, bullying, preconceitos e relações de poder. Sua atuação se articula com todos os sujeitos envolvidos na escola, priorizando o coletivo e os vínculos institucionais — envolvendo estudantes, professores, famílias, gestores e funcionários. Para além dessas funções, o psicólogo pode intervir de forma crítica e participativa, acompanhando situações de conflito, realizando escutas qualificadas e oferecendo orientações psicossociais. Todavia, ainda hoje existem concepções limitadas sobre o fazer da Psicologia em contexto escolar, restritas à atuação clínica tradicional, ao atendimento individualizado ou ao uso de testes psicométricos (ACUNA, 2020).

Pesquisas apontam que a atuação da Psicologia, em uma perspectiva tradicional, esteve historicamente vinculada a um modelo clínico e individualizante, centrado no sujeito e em sua adaptação ao meio. No âmbito da Psicologia Escolar, pesquisas indicam que, em uma perspectiva tradicional, a atuação esteve fortemente vinculada a práticas diagnósticas e classificatórias, com ênfase na mensuração das capacidades individuais, tal como mencionado anteriormente. Antunes (2003) ressalta que, por muito tempo, o psicólogo escolar foi visto como responsável por avaliar, diagnosticar e selecionar os alunos, tendo como principal instrumento os testes psicológicos e psicométricos. Constata-se então, uma lógica classificatória que buscava identificar os alunos “aptos” e “inaptos” para a aprendizagem, reforçando a visão adaptacionista do processo educativo, onde cabia ao estudante ajustar-se às normas e exigências da escola, enquanto o psicólogo atuava como um “agente de legitimação da exclusão”, em vez de promotor de transformações.

Bock, Furtado e Teixeira (2008) observam que a Psicologia, em sua formação histórica, consolidou-se apoiada em concepções tradicionais de neutralidade científica e de adaptação do indivíduo às normas sociais. Isso se traduziu em práticas que focavam nos aspectos individuais do aluno, desconsiderando os fatores sociais, históricos, políticos e institucionais que influenciam o processo educativo. Assim, a atuação do psicólogo acabou por muito, reforçando desigualdades já existentes, interpretando o fracasso escolar como resultado de falhas pessoais do estudante, e deixando de questionar as demais condições que atravessam a educação.

Para tanto se entende a importância de a Psicologia ter se atualizado e buscando novos referenciais teóricos e práticos, capazes de superar a visão individualizante e adaptacionista. Ao deslocar o foco de uma prática sustentada por essa perspectiva tradicional, que se limitava a um papel de “manutenção da ordem”, em vez de promover transformações significativas no espaço escolar, a psicologia atualmente avança em direção a uma atuação crítica e contextualizada, mais comprometida com a promoção de justiça, inclusão e democratização.

Nesse sentido, a pesquisa de Acuna (2020) aponta que, embora muitos professores reconheçam a importância do psicólogo escolar – sobretudo no apoio à inclusão – ainda persistem mitos e estereótipos sobre sua atuação. Compreender essas visões é essencial para redirecionar práticas e fortalecer o compromisso coletivo com uma educação inclusiva, crítica e comprometida com os direitos humanos.

Com o interesse em conhecer as concepções circulantes sobre o fazer da Psicologia em contexto escolar, o presente estudo busca analisar as perspectivas de professores sobre a atuação do(a) psicólogo(a) no Ensino Fundamental I.

Justifica-se a proposta na medida em que é fundamental compreender as demandas reais do contexto escolar, os desafios enfrentados no cotidiano docente e as representações que ainda circulam sobre o papel do psicólogo na escola. A visão dos professores permite identificar lacunas na formação, necessidades de maior articulação entre Psicologia e Educação.

METODOLOGIA

TIPO DE PESQUISA³

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, descritivo e explicativo. Foi considerada exploratória mediante ao próprio ambiente em que a pesquisa ocorreu, uma vez que não foram realizadas investigações sobre isso e, além do mais, pouco se estuda tal temática atualmente; descritiva, pela intenção de retratar as experiências e percepções dos participantes; e explicativa, ao buscar compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às funções e práticas da Psicologia na escola. A pesquisa adotou um delineamento não experimental, do tipo transversal, no qual não houve intervenção direta no ambiente ou nos sujeitos.

3 A presente pesquisa deriva de um trabalho acadêmico desenvolvido na disciplina Estágio Básico II: processos de ensino e aprendizagem, ministrada pelo autor deste capítulo.

As informações foram coletadas por meio de questionário, com foco no levantamento das opiniões dos professores, sem manipulação de variáveis. Ainda que a abordagem qualitativa tenha sido central, recorreu-se a recursos quantitativos simples, como a contagem de frequência de respostas, para complementar a análise dos dados (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2006). Ressalta-se que os resultados não têm pretensão de generalização, mas sim de aprofundamento na compreensão de uma realidade particular.

LOCAL

O estudo foi realizado em uma cidade do interior paulista, cuja população não excede os 45 mil. Especificamente, o cenário de investigação foi uma escola municipal de ensino fundamental que atende crianças de diferentes faixas etárias (5 aos 17 anos), em sua maioria pertencentes a famílias de baixa renda, o que permite situar a investigação em um contexto escolar público e cotidiano.

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 19 (dezenove) professores(as) do ensino fundamental I, com idades entre 30 e 65 anos, selecionados por conveniência e interesse em participação. O tempo de atuação variou entre um à 25 anos. Todas formadas em Pedagogia e com algum tipo de especialização na área, com destaque a cursos rápidos no campo da Educação Especial.

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A construção dos instrumentos foi orientada pelas diretrizes metodológicas de Triviños (1987), que propõe a organização dos dados em três eixos analíticos: (1) processos e produtos centrados no sujeito, ou seja, os

significados atribuídos individualmente pelos participantes sobre o objeto de estudo; (2) elementos produzidos pelo meio social e cultural imediato, como a formação acadêmica, as diretrizes institucionais e os regulamentos profissionais que influenciam a atuação dos sujeitos; e (3) fatores vinculados à estrutura socioeconômica e cultural mais ampla, que situam o participante em um contexto social mais abrangente, revelando tensões e condicionantes macroestruturais da prática profissional.

Além disso, foram consideradas as recomendações de Manzini (2003) no processo de elaboração dos questionários, priorizando uma linguagem clara, acessível e livre de jargões técnicos ou expressões ambíguas. As perguntas foram organizadas em blocos temáticos, com grau crescente de complexidade, respeitando também possíveis implicações emocionais geradas pelas questões propostas.

A aplicação dos questionários foi realizada por meio de formulário online, construído pelos próprios pesquisadores. As questões dissertativas foram voltadas à investigação das concepções dos participantes sobre a atuação do(a) psicólogo(a) no contexto escolar, enquanto as questões objetivas possibilitaram a quantificação de aspectos específicos, contribuindo para uma análise mais ampla e sistemática dos dados obtidos.

Considerando os intentos deste trabalho serão apresentadas somente as respostas referentes a perspectiva das participantes frente a atuação do profissional de psicologia.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada entre os meses de abril e maio de 2025, exclusivamente por meio digital, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. Os formulários online foram disponibilizados por meio de link enviado diretamente às participantes, via e-mail institucional ou aplicativos de mensagens, conforme a forma de contato previamente estabelecida.

Cada envio foi acompanhado de uma apresentação formal da pesquisa, contendo informações detalhadas sobre seus objetivos, os procedimentos metodológicos adotados, a forma de participação e os cuidados com a privacidade dos dados. Também foi explicitada a garantia de anonimato e confidencialidade, bem como o caráter voluntário da participação, em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Não houve necessidade de encontros presenciais nem de agendamentos prévios, o que possibilitou maior flexibilidade e autonomia às respondentes quanto ao tempo e ao local para o preenchimento dos questionários. O tempo médio de resposta foi de aproximadamente duas semanas, variando de acordo com a disponibilidade individual das participantes. O formato digital da coleta, além de facilitar o acesso e ampliar o alcance da pesquisa, mostrou-se adequado ao perfil dos sujeitos e às condições logísticas do estudo.

PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS

A análise dos dados obtidos nesta pesquisa seguiu os pressupostos da Análise de Conteúdo, conforme delineado por Laurence Bardin (2011), com vistas a garantir um tratamento sistemático, objetivo e interpretativo do material empírico. Esta escolha metodológica se justifica pela capacidade dessa técnica em captar sentidos latentes nas falas dos sujeitos, permitindo a construção de inferências e interpretações sobre os conteúdos manifestos e subjacentes das respostas. A abordagem escolhida foi a análise temática, um dos procedimentos clássicos da análise de conteúdo, cujo objetivo é identificar os representantes das comunicações dos participantes, agrupando-os em categorias que expressem as principais representações, concepções, funções e significados atribuídos ao objeto da pesquisa: a atuação do(a) psicólogo(a) escolar no Ensino Fundamental I.

Organização do corpus da pesquisa, que consistiu na reunião e leitura flutuante de todas as respostas obtidas por meio dos formulários digitais.

Essa leitura inicial teve como finalidade a imersão no material, buscando uma visão global e sensível dos dados, sem ainda aplicar filtros analíticos rígidos. Paralelamente, procedeu-se à seleção dos conteúdos que seriam submetidos à análise temática, excluindo respostas incompletas ou que fugiam completamente do escopo da investigação.

Após a definição do corpus e dos eixos orientadores, iniciou-se a codificação das unidades de registro, que neste estudo consistiram em trechos significativos das respostas às questões abertas – frases, expressões ou parágrafos que carregavam sentidos relevantes sobre a atuação do(a) psicólogo(a) escolar. As unidades de registro foram agrupadas em categorias temáticas, elaboradas de forma indutiva, a partir da recorrência de sentidos, termos e argumentos nas falas dos participantes. Esse processo combinou leitura atenta, codificação manual e uso de quadros analíticos, permitindo o refinamento progressivo das categorias. Sempre que necessário, subcategorias foram criadas para agrupar elementos mais específicos ou contrastantes dentro de uma mesma temática geral.

As análises buscaram compreender não apenas o que os sujeitos disseram, mas como disseram, em que contextos sociais e institucionais suas falas estavam situadas, e quais contradições, tensões ou silêncios emergiram em seus discursos. Essa perspectiva interpretativa permitiu aprofundar a compreensão das representações sociais que circulam entre os professores sobre a atuação da Psicologia na escola, considerando também as determinações históricas e estruturais que atravessam essa prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas evidenciou aspectos centrais da experiência docente e das expectativas em relação à Psicologia Escolar.

No que se refere à rotina de trabalho docente na escola pesquisada e na área educacional em geral (Quadros 1 e 2), observou-se uma forte ambivalência entre prazer e desgaste. Muitos professores descreveram a

rotina como cansativa, desafiadora, complexa e frustrante. Outros docentes, no entanto, destacam certa valorização afetiva e prazer pela prática que exercem. Evidencia-se a partir desta pesquisa a oscilação entre a sobrecarga e a satisfação advinda do trabalho. A parcela que salientou uma rotina predominantemente prazerosa e gratificante, sugere realização pessoal e sentido no exercício da profissão, principalmente em se tratando dos vínculos estabelecidos com os alunos e dos resultados obtidos. Assim, emergiu a percepção de que o trabalho docente é desafiador e complexo, exigindo constante preparo, adaptação metodológica e criatividade para atender às demandas dos estudantes.

Um dado relevante foi a presença significativa de falas ligadas à Educação Especial, em que professores relataram acompanhamento de alunos com deficiência ou necessidades educacionais específicas, ressaltando o impacto direto da inclusão em sua prática cotidiana. Tal dado é significativo, pois revela que a prática cotidiana dos professores está diretamente atravessada pelas demandas da inclusão escolar, de tal modo que a presença de psicólogos nesse campo é de suma importância para o apoio dos processos de adaptação e mediação pedagógica.

Quadro 1 – Rotina de trabalho docente

Categorias temáticas	Unidades de resposta	Frequência
Cansativa, mas prazerosa	Cansativa, porém prazerosa; Cansativa e prazerosa; Minha rotina é bastante cansativa, porém muito gratificante; Eu ministro aulas. Minha rotina é cansativa; cansativa e prazerosa.	5
Prazerosa e gratificante	Prazerosa; Tenho uma rotina bem tranquila, prazerosa; Eu trabalho com um aluno autista, é extremamente prazeroso; Considero minha rotina prazerosa e desafiadora; Cansativa, porém prazerosa.	6
Desafiadora e complexa	Prazerosa e desafiadora ao mesmo tempo, com foco em leitura, escrita, matemática; É preciso ter rotina, preparo das aulas e retomar conteúdos; Preparo semanal com tranquilidade, recebo feedback.	3

Categorias temáticas	Unidades de resposta	Frequência
Desafiadora, Difícil, marcada pela Educação Especial	Sou acompanhante de um aluno autista; Faço atendimento educacional especializado em sala de recursos; Acompanho um aluno especial; Adapto atividades; Acompanho um aluno autista nas atividades pedagógicas.	5

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 2 – Representações sobre o trabalho no campo da educação

Categorias temáticas	Unidades de resposta	Frequência
Desafiador	Desafiador; Um desafio contínuo; Um desafio todo dia, requer paciência, dedicação e amor; Um grande desafio nos dias atuais; Um trabalho desafiador; Maravilhoso e desafiador.	7
Gratificante e desafiadora	Gratificante; Uma realização profissional, amo minha profissão; Um orgulho.	7
Cansativa e frustrante	Cansativo; Desanimador; Praticamente impossível nos dias atuais, não basta amar a profissão.	3

Fonte: elaborado pelo autor

As percepções sobre as políticas educacionais que regulamentam seu trabalho (Quadro 3) revelam posicionamentos diversificados, oscilando entre avaliações positivas, críticas e respostas neutras. Uma parte dos participantes expressou satisfação, associando as políticas ao fortalecimento da equipe, ao bem-estar dos alunos e à harmonia no funcionamento institucional. Entretanto, parte considerável das respostas trouxe críticas contundentes, apontando frustração, insatisfação, desvalorização docente e falta de efetividade, sobretudo no que se refere à inclusão escolar. Também foram observadas – embora poucas – respostas neutras ou evasivas, sugerindo certo distanciamento em relação ao tema. Esses achados indicam que, embora existam reconhecimentos de avanços, prevalecem críticas quanto à valorização profissional e às lacunas entre legislação e prática.

Quadro 3 – Percepções sobre as políticas educacionais

Categorias temáticas	Unidades de respostas	Frequência
Satisfatória	Temos uma equipe de trabalho maravilhosa; Sou muito feliz com meu local de trabalho; São necessárias e visam garantir condições adequadas; Satisfatório; São maravilhosas, todas desenvolvem perfeitamente; Acho que as políticas...são satisfatórias; A escola desenvolve um trabalho de equipe, tudo harmônico.	7
Insatisfatória	Muitas vezes as políticas me deixam frustrada e insatisfeita; De modo geral a insatisfação é a mesma do país; Deixam a desejar no reconhecimento do professor; Estou muito insatisfeita.	6
Políticas educacionais insuficientes na inclusão	Debata-se muito a inclusão, mas na prática faltam políticas públicas efetivas e apoio intersetorial; As políticas da Educação Especial funcionam só no papel.	2
Sem posicionamento	São regras e documentação; Sou anti-política em primeiro lugar, prefiro não opinar; Acho muito complexo devido à abrangência da área.	3

Fonte: elaborado pelo autor.

No que se refere à atuação do psicólogo escolar e suas contribuições (Quadros 4, 5 e 6), destacou-se um consenso sobre sua relevância. Inicialmente, observa-se no Quadro 4, um consenso sobre a importância geral do psicólogo na escola, reconhecido como essencial para apoiar tanto alunos quanto professores e famílias. Essa visão é aprofundada no Quadro 5, que detalha as formas de contribuição esperadas, destacando o manejo de comportamentos e demandas emocionais dos estudantes, a identificação de dificuldades de aprendizagem, a orientação aos docentes e o suporte à saúde mental da comunidade escolar. Consecutivamente o Quadro 6 amplia essa percepção, situando o psicólogo como profissional imprescindível para o processo educacional, capaz de promover o desenvolvimento integral dos alunos, auxiliar na aprendizagem e contribuir para o bem-estar e suporte emocional coletivo.

Quadro 4 – Percepções sobre a atuação do psicólogo escolar

Categorias temáticas	Unidades de respostas	Frequência
Importante, mas não declararam como	A atuação de psicólogos nas unidades escolares traria benefícios para todos; Seria importante para o trabalho de muitos profissionais e com as crianças; Seria de grande relevância para todos envolvidos; Seria uma excelente experiência; Acredito que um profissional sério faria a diferença.	5
Apoio emocional dos alunos	Seria de suma importância para manejo de comportamento e demandas emocionais; Diagnóstico e acompanhamento mais rápido dos alunos que precisam de apoio; Ajudaria com parte emocional dos alunos agitados e nervosos; Ajudaria alunos a lidar com frustrações, evitando geração dependente e depressiva; Essencial devido à importância da saúde emocional das crianças; Ajudaria crianças que não têm acompanhamento familiar; Psicólogo auxiliaria no desempenho dos alunos perante desafios da vida social.	7
Apoio às famílias	Nos ajudaria a lidar melhor com crianças de famílias desestruturadas; Talvez ajudasse na maneira de pensar e agir dos pais em relação à comunidade escolar; Resolveria conflitos entre pais e alunos.	3
Apoio emocional dos professores	Seria de extrema importância, inclusive para cuidar da saúde mental dos profissionais; Apoio emocional também aos professores diante de desafios pessoais e acadêmicos.	2

Fonte: elaborado pelo autor

Quadro 5 – Formas de contribuição do psicólogo escolar no trabalho docente.

Categorias temáticas	Unidades de respostas	Frequência
Adaptação comportamental do estudante	No comportamento de alunos; Orientando no manejo de alunos autistas e demandas socioafetivas; Na área comportamental e emocional; Auxiliaria a entender os alunos e nós mesmos, que direção tomar nessa sociedade indisciplinada; Fazendo atendimentos com os alunos com o objetivo de trazer o aluno para o ambiente escolar.	5

Categorias temáticas	Unidades de respostas	Frequência
Diagnóstico	Auxiliaria nos atendimentos, diagnósticos e suportes para atender alunos com ou sem necessidades especiais; Auxiliar na identificação de dificuldades de aprendizagens, transtornos e outros problemas que podem afetar o desempenho escolar.	3
Orientação ao professor sobre como controlar o comportamento do estudante	Nos orientando com algumas dificuldades; Orientando qual a melhor maneira de conduzir cada situação; Acredito que seria muito importante no acompanhamento do aluno e orientação ao professor; Apoiando e dando dicas, uma parceria.	4
Saúde mental dos professores	Tanto no apoio psicológico para nós professores... quanto às crianças; Me ajudaria a lidar com as frustrações e o cansaço emocional; Apoio emocional: reduzindo estresse e melhorando o bem-estar.	3
Suporte às famílias	No comportamento de pais e profissionais; Ajudando alunos, pais e profissionais da escola; Crianças com problemas familiares: afeto, cuidados, perda dos pais.	3

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 6 - Percepções sobre o trabalho do psicólogo em instituições educacionais

Categorias temáticas	Respostas adaptadas	Frequência
Muito importante	Essencial; Imprescindível; De extrema importância, toda escola deveria ter; Acho muito importante, para unidade escolar; Eu acho muito importante	5
Apoio ao processo de ensino e aprendizagem	O trabalho do psicólogo abrange atividades para otimizar ensino-aprendizagem e promover desenvolvimento integral; Pode fazer a diferença em todas as áreas do desenvolvimento.	4
Suporte emocional e social	Penso ser fundamental para a qualidade emocional de funcionários e alunos; Poderia ajudar no lado emocional em relação à perda dos pais; Impacto positivo no bem-estar e desempenho de todos; Apoio para jovens e crianças e orientar nas questões cotidianas.	7
Reconhecimento como experiência desejada e positiva	Seria bem produtivo; Agregaria muito; Seria uma nova experiência da qual não tivemos ainda o prazer de fazer parte; Acredito que seria de grande valor; Seria muito bom ter esse profissional.	5

Fonte: elaborado pelo autor

Por fim, nas percepções sobre a contribuição da Psicologia para a Educação Especial (Quadro 7), houve uma diversidade de posicionamentos. Algumas professoras afirmaram não acompanhar diretamente esse público ou não se sentirem qualificadas para responder, mas a maioria destacou o papel estratégico do psicólogo nesse campo. As respostas enfatizaram três dimensões principais: o manejo de comportamento e apoio emocional de alunos com TEA, TDAH e outras condições; a avaliação e diagnóstico precoce, como suporte técnico à prática docente; e a parceria pedagógica com professores e famílias, reforçando a importância da atuação colaborativa. Também emergiram falas que ampliaram a reflexão, defendendo que o suporte psicológico não deveria se restringir apenas aos alunos da inclusão, mas contemplar todos os estudantes que apresentam demandas emocionais e sociais.

Quadro 7 – Percepções sobre a contribuição da Psicologia para a Educação Especial

Categorias temáticas	Unidades de respostas	Frequência
Não qualificado	Não qualificado.	4
Manejo comportamental	Ajudaria a entender alguns comportamentos desses alunos; Suma importância no manejo de comportamento e demandas emocionais; Orientar o aluno e profissional para melhor lidar com comportamento; A psicologia pode fornecer apoio e estratégias para desafios comportamentais.	4
Diagnóstico	Diagnóstico precoce e acompanhamento é de suma importância; Avaliação e diagnóstico das necessidades específicas.	3
Parceria com professores	Ajudariam muito, pois precisamos de ajuda para enfrentar os desafios com os alunos; Seria uma parceria contribuindo para melhor desempenho do aluno; Profissional orienta como lidar com o comportamento e cria vínculos com o aluno.	4
Visão geral de importância	Seria de suma importância; A presença do psicólogo pode ser muito valiosa para apoiar o desenvolvimento e sucesso dos alunos de educação especial.	3

Fonte: elaborado pelo autor

Em conjunto, os resultados demonstram que a docência é vivida em meio a contradições entre prazer, desgaste e reconhecimento social, revelando tanto o envolvimento afetivo e identitário dos professores com sua profissão quanto às dificuldades estruturais que marcam o cotidiano da prática escolar. Essa ambivalência reforça que o trabalho docente não pode ser compreendido de maneira simplista: ele é simultaneamente fonte de satisfação e de sofrimento, atravessado por políticas educacionais insuficientes, por desvalorização social e sobrecarga de demandas, especialmente no campo da inclusão (ANTUNES, 2003; BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

No entanto, o estudo também evidencia um alto grau de resiliência e compromisso por parte dos docentes, que reconhecem a relevância de seu papel social e atribuem sentido à profissão, mesmo diante das adversidades. Essa resiliência, contudo, deve ser compreendida como resultado de um esforço coletivo que precisa ser sustentado por políticas públicas efetivas, valorização profissional e suporte interdisciplinar (LIBÂNEO, 2012).

É nesse cenário que se insere a Psicologia Escolar, amplamente valorizada pelos participantes como recurso indispensável ao fortalecimento do processo educativo. Os dados revelam que os professores atribuem ao psicólogo um papel multidimensional, que vai desde o manejo de comportamentos e apoio socioemocional até a parceria pedagógica, a mediação de conflitos e o suporte à saúde mental de toda a comunidade escolar.

Em especial no campo da Educação Especial, a presença desse profissional é vista como condição estratégica para a construção de práticas inclusivas mais eficazes, capazes de responder às demandas concretas do cotidiano escolar. Assim, este estudo contribui para reafirmar a urgência da efetiva implementação da Lei 13.935/2019 (BRASIL, 2019), garantindo a inserção de psicólogos na educação básica, não como medida acessória, mas como política estruturante para uma escola democrática, crítica e humanizada. Os achados reforçam a necessidade de superar visões restritas da Psicologia Escolar centrada no diagnóstico individual, avançando para uma atuação crítica, preventiva e coletiva, comprometida com a

transformação das condições escolares e com a promoção da equidade educacional (CRUCES, 2006; PATTO, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidencia que, embora os professores reconheçam a importância da Psicologia Escolar e os impactos positivos que esta agrega à sua prática, ainda persiste uma compreensão restrita sobre sua atuação, frequentemente associada à resolução de questões emocionais e comportamentais individuais dos alunos. Tal panorama reforça a necessidade de superar modelos reducionistas e ampliar o entendimento sobre o papel do psicólogo como agente de transformação institucional.

Conforme salientam Cavalcante e Marinho-Araújo (2019), a Psicologia Escolar precisa reafirmar sua dimensão ética e política, comprometendo-se com práticas coletivas e reflexivas que contribuam para a reconfiguração das relações no espaço escolar. Assim, mais do que atender a demandas pontuais dos estudantes, o psicólogo deve atuar na promoção de uma cultura educacional inclusiva e democrática, colaborando para a construção de vínculos, a valorização da diversidade e o fortalecimento da escola como espaço igualitário de aprendizagem e convivência.

Ao reconhecer o caráter político e social de sua atuação, a Psicologia Escolar consolida-se como campo essencial para o enfrentamento das desigualdades e para a efetivação de políticas públicas voltadas à equidade educacional. Nessa perspectiva, o psicólogo torna-se peça-chave na consolidação de práticas que articulem saúde mental, inclusão e justiça social, rompendo com estigmas historicamente associados ao “cuidar” do sofrimento psíquico. Como indicam estudos recentes (SOUZA; SILVA; FACCI, 2019) a inserção do psicólogo na educação básica, prevista pela Lei nº 13.935/2019, requer o desenvolvimento de estratégias interdisciplinares e pesquisas que avaliem os impactos dessa presença no cotidiano escolar, mantendo um compromisso ético-político voltado à transformação das práticas educacionais e à promoção da emancipação dos sujeitos.

Espera-se, portanto, que futuras investigações ampliem o diálogo entre Psicologia e Educação, explorando as potencialidades da atuação psicológica para a transformação institucional e a democratização do ensino, reafirmando a Psicologia como ciência e profissão comprometida com a ética, a cidadania e a autonomia humana.

Sendo assim, a pesquisa se faz de extrema relevância pois aponta como as discussões avançaram desde as últimas décadas no campo da inclusão, e que a presença do psicólogo escolar não é apenas um desejo dos professores, mas uma necessidade concreta para a efetivação de uma educação de qualidade e inclusiva, que reconheça e valorize o professor, apoie o desenvolvimento dos alunos e fortaleça a escola como espaço de construção de cidadania. Ressalta-se ainda a necessidade de aprofundar conhecimentos e pesquisas que preencham lacunas abertas, especialmente no que se

refere à inclusão de alunos com necessidades especiais, às desigualdades sociais e educacionais, à implementação de práticas pedagógicas inovadoras e ao acompanhamento das transições e permanência escolar. Em última instância, a articulação entre Psicologia Escolar e Educação Especial pode se constituir em um dos caminhos mais promissores para enfrentar as contradições da docência e avançar rumo a práticas pedagógicas mais justas, emancipatórias e socialmente comprometidas.

REFERÊNCIAS

ACUNA, J. T. Perspectivas de professores sobre o suporte do psicólogo escolar ao processo de inclusão educacional. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 19, n. 1, 2020.

ACUNA, J. T. **Acessibilidade pedagógica ao universitário com transtorno do espectro autista**: contribuições da psicologia à prática docente. 2022. 185f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2022.

ANTUNES, M. A. M. Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. **Psicologia escolar: teorias críticas**, p. 139-168, 2003.

BARBOSA, R. M.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 393-402, 2010.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. Resolução nº 001, de 30 de março de 2009. **Dispõe sobre a obrigatoriedade do registro documental decorrente da prestação de serviços psicológicos**. 2009. Disponível em: <https://transparencia.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/15/2016/12/resolucao2009-01.pdf>. Acesso em: 06 out. 2025.

BRASIL. Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. **Diário Oficial da União**. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13935.htm. Acesso em: 03 set. 2025.

CAVALCANTE, L. D. A.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. A Dimensão Ética e Política da Pesquisa em Psicologia Escolar. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 11, n. 1, p. 103, 24 abr. 2019.

CRUCES, A. V. V. Psicologia e educação: nossa história e nossa realidade In S. F. C. Almeida (Org.), **Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação do profissional** (pp.17-36). Campinas: Alínea. 2006.

FIRBIDA, F. B. G.; VASCONCELOS, M. S. O desenvolvimento histórico da Psicologia Escolar crítica no Brasil. **Revista Psicologia Atitus**, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MANZINI, E. J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada** In MARQUEZINE, M. C et al.,(Orgs). Colóquios sobre pesquisa em educação especial. Londrina: Eduel, p 11-25, 2003.

MARTINEZ, A. M. Psicologia Escolar e Educacional: compromissos com a educação brasileira. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 13, n. 1, p. 169–177, 2009.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. DEL P. B. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOUZA, M. P. R. DE; SILVA, S. M. C. DA; FACCI, M. G. D. O compromisso Ético-Político da Psicologia Escolar e Educacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.